

# **AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE LUGAR DOS JOVENS DA ROCINHA**

Alfeu Olival Barreto Junior – SME-RJ/Colégio Militar do Rio de Janeiro

Cleonice Puggian – UNIGRANRIO/UERJ

Idemburgo Pereira Frazão Félix – UNIGRANRIO/SME-RJ

## **INTRODUÇÃO**

Neste texto apresentamos os resultados de uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, que investigou como os elementos mediadores ou “mediatizadores” participam da construção do sentido que os jovens atribuem ao lugar onde vivem e, conseqüentemente, às suas identidades. Entendemos por tecnologias da informação e comunicação (TIC) um conjunto de sistemas de comunicação, tecnologias e redes integradas que se convergem, facilitando a troca de informações e experiências entre indivíduos. Esta troca tem operado profundas transformações na sociedade contemporânea e se constitui como um novo tipo de espaço: o “espaço tecnológico” ou “meio técnico-científico-informacional” (SANTOS, 1997). Segundo o entendimento de vários autores (LÉVY, 2001; CASTELLS, 1999), elas ampliam as possibilidades de interação do indivíduo com o mundo num movimento de mão dupla. Detectamos, através da prática docente, a necessidade de investigar como estes “espaços” estavam influenciando a constituição do sentido de lugar dos jovens, especialmente aqueles que vivem em comunidades da área metropolitana, como a Rocinha.

Procurando apoiar teoricamente a análise desta questão, adotamos uma perspectiva interdisciplinar, articulando as contribuições da geografia, da educação, da antropologia e da sociologia. Interessava-nos explorar as múltiplas relações entre espaço, lugar e identidade. Partimos do pressuposto de que a formação da identidade possui como substrato a maneira como o indivíduo se relaciona com o espaço de vivência, tanto social quanto físico. A geógrafa Doreen Massey, por exemplo, define espaço como “produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão global até o intimamente pequeno” (MASSEY, 2009, p. 29). Ela argumenta que o espaço pode ser também a “esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como esfera na qual distintas trajetórias coexistem” (MASSEY, 2009, p. 29), estando sempre em construção. Portanto, para esta autora, o espaço é um conceito aberto, inacabado, onde não há nada dado de forma definitiva. Trata-se de reconhecer a coexistência de pessoas com trajetórias históricas próprias; trajetórias que se cruzam, se conectam e se desconectam,

formando assim o espaço a partir dessas relações. Se o espaço é produto de inter-relações, então isto deve implicar na existência da pluralidade. Ela acrescenta que o “espaço” permite a construção das identidades, constituindo-se como palco privilegiado onde ocorrem as interligações, de modo que nada pode ser inflexível: “o espaço não existe antes de identidades/entidades e de suas relações” (MASSEY, 2009, p. 30).

Outros autores argumentam que, uma vez estabelecida uma relação de identificação do indivíduo com o espaço, o mesmo espaço torna-se “lugar” (TUAN, 1983). O geógrafo Rogerio Haesbaert, por exemplo, afirma que o conceito de lugar envolve “características mais subjetivas, na relação dos homens com seu espaço,” (HAESBAERT, 2011, p 137), como um “espaço de estabilidade”. O geógrafo sino-americano I-Fu Tuan, por sua vez, já havia antecipado que “‘espaço’ e ‘lugar’ são termos familiares que indicam experiências comuns” (TUAN, 1983, p. 3). O autor valoriza o caráter experiencial da relação do indivíduo com o espaço e desta que,

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. (...) As ideias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra. (...) Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 1983, p. 6)

Haesbaert (2011), por sua vez, ao analisar o contexto da pós-modernidade, da ingerência do global sobre o local e das discussões sobre os conceitos de espaço, território e lugar, articulados às transformações pelas quais a sociedade humana tem passado, questiona a noção de lugar como algo fechado, internamente coerente e bem estabelecido. Propõe um conceito que valoriza “um ‘lugar-encontro’, o local de interseções de um conjunto particular de atividades espaciais, de conexões e inter-relações, de influências e movimento” (HAESBAERT, 2011, p.140). E propõe:

Assim como o território e região nas concepções tradicionais não incorporam explicitamente a ideia de rede, aqui também se trata, podemos dizer, da superação de uma visão de lugar como espaço de fronteira bem definidas e sua substituição por um lugar de conexões, ‘momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais’ (MASSEY, 2000, p. 184) em escalas muito maiores que as costumeiramente usadas para defini-lo, ou seja, na articulação permanente entre os níveis local e global. (HAESBAERT, 2011, p. 140).

A proposta de Haesbaert (2011) alinha-se às nossas análises quanto à participação das tecnologias da informação e comunicação na formação identitária dos jovens no contexto atual. Destaca-se aqui a contribuição das tecnologias para a ampliação da visão de lugar como

um espaço sem fronteiras, assim como para a articulação entre o local e o global, que se faz a partir da comunicação online e em tempo real na internet. Pode-se argumentar, portanto, que as transformações na forma como o sentido de lugar é constituído com o aporte das novas tecnologias associa-se a transformações na identidade dos sujeitos, especialmente dos jovens.

Cabe assinalar que a busca pela identidade é uma preocupação que perpassa a vida de todos os seres humanos em qualquer sociedade. Mas é na sociedade moderna que ela se traduz numa questão que pode levar o indivíduo ao seu próprio limite enquanto ser pensante. Segundo Hall (2001, p. 39), “em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento”. Dessa forma, a construção identitária seria um processo de constante reinvenção do ser humano frente às transformações do mundo que o circunda. Compreender, portanto, como este processo ocorre na vida dos jovens se apresentou como uma das tarefas mais desafiadoras desta pesquisa.

Esta questão também nos fez examinar o conceito de cultura e, especificamente, a idéia de cultura ou culturas juvenis, dada sua interconexão à idéia de lugar e identidade. Concordamos com Catani e Gilioli (2004), que entendem não haver uma única conceituação do que venha a ser juventude ou cultura juvenil na sociedade contemporânea. Enquanto o desafio da sociedade é entender o que é ser jovem, o jovem busca entender-se como tal perante si mesmo e a sociedade. Catani e Gilioli (2004) ainda ressaltam o perigo de englobar diferentes posicionamentos, expressões e condições juvenis em rótulos generalizantes e estereotipados, uma vez que “os jovens são capazes de produzir uma cultura autônoma, que não apenas imita o mundo adulto e as instituições tradicionais (...), mas articula estas últimas de acordo com parâmetros próprios, configurando novas formas de cultura” (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 16). Isto se manifesta através da formação de diversos grupos de diferentes estilos, que assumem identidades próprias (as chamadas “tribos”), muitas vezes rotuladas de “funkeiros”, “patricinhas”, “skinheads”, ou manifestações culturais e/ou sociais de cunho mais organizado politicamente, como o conjunto *Afro Reggae*, em comunidades populares da cidade do Rio de Janeiro. Do ponto de vista individual, esses grupos permitiriam criar para o jovem oportunidades de lazer e de socialização fora da esfera das instituições tradicionais (família, escola, trabalho), criando condições para diversas formas de vivências da condição juvenil, desde as periferias até as classes privilegiadas. Catani e Gilioli entendem que as “tribos” ou “estilos” criados nos morros, nas comunidades populares, têm um significado importante para este jovem “como condição para autonomia e liberdade em relação à família” (CATANI; GILIOLI, 2004, p.67). Há, portanto, a necessidade de olhar com mais atenção à

forma como o jovem da periferia se percebe nesse contexto, onde a exclusão neste modelo de sociedade é mais evidente.

Considerando a participação da tecnologia na formação identitária, Alzamora, Alencar e Melo (2009, p. 79-80) acenam que “nesse cenário surgem diversas e inusitadas formas de interação social tecnologicamente mediadas que, de certo modo, ressignificam as experiências cidadinas” (ALZAMORA; ALENCAR; MELO, 2009, p.79-80). As autoras citam um trabalho multidisciplinar empreendido por um artista catalão em várias metrópoles do mundo, com diferentes grupos sociais, inclusive em São Paulo. Nesta cidade, motoboys capturam fragmentos do cotidiano a partir de recursos tecnológicos como a máquina fotográfica digital de seus aparelhos celulares. As fotos são postadas em um blog (projeto Canal Motoboy) e, a partir dali, são escritas suas impressões. Em fóruns desse mesmo blog ocorrem desdobramentos de suas falas. Segundo elas, essas impressões postadas num rico banco de dados, constituem uma memória coletiva que, “composta de signos fugazes e heteróclitos, (...) anuncia, para além de uma inflação simbólica, uma cidade que se revela em camadas e a possibilidade de apresentá-la em variadas poéticas da observação” (ALZAMORA; ALENCAR; MELO, 2009, p. 81).

Uma experiência apresentada por Alzamora, Alencar e Melo, no texto *Trânsitos intermediáticos e diversidade cultural* (2009), demonstra uma das diversas possibilidades do registro da fala do jovem como uma forma de discurso e mediatizadas pelas máquinas fotográficas digitais e aparelhos celulares, assim como pelos blogs e redes sociais, mesmo que este processo se dê, aparentemente, de forma impessoal e fragmentada na visão do pesquisador.

Essas novas formas de verbalização ou comunicação de opiniões e visões de mundo mediatizadas pelas tecnologias de informação e comunicação têm reflexos na vida prática do indivíduo, além de implicações políticas importantes na sociedade. Podemos, portanto apontar que existem possibilidades de descoberta de autênticas formas de expressão cultural juvenil. Isto pode se proceder a partir de um mapeamento sobre a apropriação flexível pelo indivíduo de todos os recursos tecnológicos disponíveis, e a posterior análise da “recombinação” e “ressignificação” das diversas fontes de informações e impressões advindas do próprio local onde esse jovem vive (ALMEIDA; NAKANO, 2011), quanto daquelas proporcionadas pela rede global informacional (produzidas pela indústria cultural ou dadas pelas manifestações culturais mais genuínas de outros indivíduos ou comunidades), além dos registros pessoais que este executa através da fotografia digital e das composições escritas e compartilhadas nos

blogs e redes sociais. Pierre Levy ressalta o papel da *cibercultura* neste processo completando que:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato. (LEVY, 1999, p. 130).

A midiaticização da realidade através das tecnologias de informação e comunicação - nas redes sociais, nos sites musicais e de vídeos - cria um enorme fluxo de informação e discursos que poderia ser rotulado, de forma conservadora ou simplista, como uma imposição cultural “estrangeira” sobre o jovem brasileiro e realizada de forma “reciclada”, revestida de modernidade tecnológica. Ao entendermos *fluxo* como uma via de mão dupla, podemos afirmar que esta midiaticização não neutraliza ou elimina o caráter territorial das diversas formas de expressão cultural produzidas pelas “juventudes” brasileiras. Nossos “nativos digitais”, ao contrário, conferem novos sentidos, novas identidades, com a ressignificação das diversas influências com as quais interagem, mesmo que de forma fragmentada e descontínua, ao construírem suas visões de mundo a partir do local em “conexão” com o global.

## **PERCURSOS DA PESQUISA**

Em busca de resposta para nossas inquietações sobre a construção do sentido de lugar pelos jovens da comunidade da Rocinha, Rio de Janeiro, durante o ano de 2011 conduzimos uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, visual e participativo, envolvendo 30 alunos de uma turma do nono ano de uma escola da rede municipal localizada na Gávea. Dados foram coletados através de atividades presenciais e online, exploradas durante entrevistas com “foto-elicitación”.

A primeira etapa deste estudo foi dedicada ao levantamento do perfil dos participantes, visto que conhecíamos pouco sobre a presença das tecnologias no seu cotidiano. Elaboramos dois questionários que foram disponibilizados *on line* (<http://pt.surveymonkey.com>). Utilizamos esta ferramenta para iniciar as atividades da pesquisa, proporcionar aos alunos um “ambiente confidencial”, no qual não se sentissem confortáveis para revelar hábitos referentes ao uso das tecnologias assim como suas características socioeconômicas.

Os resultados desta primeira etapa revelaram que o perfil dos participantes se aproximava do perfil dos moradores da Rocinha. A maioria dos jovens eram cariocas (73,7%), com uma parcela importante de filhos de nordestinos (21%). Semelhante aos dados apresentados pelo “Censo das Favelas”, os alunos declararam que a renda familiar estava entre um e dois salários-mínimos (47,1%), seguido por aquelas que passam de três salários mínimos (23,5%), demonstrando que ainda se constituem como indivíduos de baixa renda. Sobre as condições de moradia, os resultados foram bastante razoáveis quando comparados às estatísticas oficiais, pois a maioria vivia em casas com mais de quatro cômodos (68%).

Sobre a estrutura familiar, verificou-se ausência da figura paterna para metade dos alunos, sendo a presença materna garantida em todos os lares. Verificou-se que a maioria possuía livros e que todos tinha computadores. A escrita no cotidiano se dava em grande parte nos textos ou mensagens feitas via computador. Três alunos declararam gostar de se expressar graficamente, através da *grafitagem*.

A forma de aproveitarem o tempo livre estava muito associada à presença das tecnologias de informação e comunicação e das mídias tradicionais (rádio e televisão): 88,9% as utilizam para ouvir música e 83,3% para navegar na internet. As atividades sociais ficaram em segundo plano: 66,7% visitavam amigos ou parentes, 61,1% frequentam a praia e 33% iam à igreja ou templo. O lazer em outros espaços fora da comunidade ocupou o terceiro lugar: ir ao shopping (44,4%), ao cinema (38,9%) e ao teatro (16,7%).

Os dados coletados também desafiaram visões estereotipadas sobre moradores de comunidades como a Rocinha. Uma delas é a de que todos jovens frequentam bailes *funk* (apenas 5,6% disseram participar). Outra, é a que afirma que os mesmos estão alheios ao esporte, por falta de espaço ou incentivo (77,8% dos alunos praticavam esportes). Nas entrevistas individuais, dois alunos relataram que participam de clubes de remo na Lagoa Rodrigo de Freitas, dois praticavam natação no Complexo Esportivo da Rocinha, um declarou ser skatista, além de outros que jogavam bola na praia ou nas quadras do Aterro do Flamengo.

Com relação à participação das tecnologias de informação e comunicação na vida dos sujeitos, além de possuírem computador em suas residências, todos afirmam ter acesso à internet, onde a maioria declarou pagar pelo serviço. A qualidade de provedores legais ou não (os chamados “gatos”) não quis ser revelada pelos mesmos. Os meninos, em conversas informais em sala de aula, afirmaram que gostavam de frequentar *lan houses* para jogar.

Sobre o uso do computador para outros fins, a grande maioria afirmou que sabia usar as suas principais ferramentas (100% sabia abrir arquivos, 83% sabia copiar arquivos de *pen drive* ou cd, 77,8% sabia usar o *Word*, 72,2% sabia imprimir um documento e 55,6% sabia

usar uma planilha eletrônica). Além disso, 70% disse saber editar imagens e vídeos no computador. Todos também sabiam acessar a internet e navegavam em *blogs*, redes sociais e sites de busca. A grande maioria (68,4%) declarou acessar a internet todos os dias, ficando até três horas online (33,3%). Também notamos grande inserção dos alunos nas redes sociais (Orkut e/ou Facebook), as quais visitavam diariamente.

Com relação à posse de dispositivos móveis, todos têm aparelhos celulares equipados com câmera fotográfica e filmadora digital. Os mesmos dizem gostar de fotografar. Em sala de aula é comum a utilização dos aparelhos nos intervalos (ou escondido do professor) para mandar torpedos, jogar ou tirar fotos. A pesquisa indicou que o celular e o acesso à internet são as tecnologias de comunicação e informação mais presentes no cotidiano dos alunos.

Os participantes do estudo demonstraram que o *smartphone* (aparelho celular com recursos de acesso à internet e de armazenamento de dados e de acesso a programas ou aplicativos instalados) é uma importante ferramenta de comunicação e lazer em suas vidas. Em função do baixo poder aquisitivo da maioria, somente alguns possuem planos de assinatura que permitem telefonar e “navegar” na internet ilimitadamente. Assim, o meio mais comum de fazerem contato com amigos e familiares é através de “torpedos” (mensagens de texto) por representarem um custo menor. O *smartphone* também é muito utilizado para ouvir música (mp3 ou rádio), acessar jogos eletrônicos e registrar fotos ou vídeos digitais. Em suas páginas nas redes sociais é rotineiro o hábito de postarem esses registros em mini-blogs ou álbuns digitais ou de armazená-los em sites de “nuvem” como o Picasa ou Flickr, sem a necessidade de “salvá-los” fisicamente em um HD (disco rígido) ou *pendrive*. Isto permite maior flexibilidade e liberdade ao aluno para fazer o uso que desejar desses registros, sem o controle de seus pais ou responsáveis.

Notamos também que os alunos, apesar de apresentarem uma boa habilidade no uso das várias ferramentas ou programas de computador, preferiam utilizar esse aparelho para acessar a internet. A presença das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) na Rocinha, desde novembro de 2011, inibiu o uso do serviço de banda larga informal, gerenciadas por agentes da própria comunidade. Três dos alunos pesquisados afirmaram que, desde então, passaram a pagar por um serviço formal. A Rocinha apresenta um sistema comunitário de rede *wi-fi* (sem fio), mas os usuários reclamam da lentidão da conexão para “baixar” vídeos, músicas e filmes. Daí a necessidade de pagar serviços de banda larga com maior conectividade.

Ao serem questionados sobre os sites que acessam com mais frequência, todos relataram que abrem, em primeiro lugar, as redes sociais (Facebook, MSN e Orkut). O MSN, mais antigo de todos, é essencialmente uma rede de bate-papo (chat) *on line*. O Orkut permite

ao usuário, além de incorporar o chat *on line*, manter um álbum de fotos e participar de comunidades temáticas. O Facebook, por sua vez, absorveu os recursos do MSN e do Orkut, e tem como principal característica ser uma espécie de mini-blog, no qual o usuário posta fotos, vídeos, textos que podem ser visualizados por seus amigos ou pelo público em geral.

Ao longo de 2011 houve uma inversão da participação dos brasileiros nessas redes sociais. As entrevistas com os alunos confirmaram este fenômeno, afetando a forma como se relacionam virtualmente com seus amigos e conhecidos, apresentando possíveis e importantes desdobramentos na sua construção identitária e na produção cultural. O portal de notícias G1 revelou que, em agosto daquele ano, o Facebook ultrapassou o Orkut em número de usuários no Brasil, assumindo pela primeira vez o posto de maior site social do país. Os alunos também migraram para o Facebook nos últimos meses, mas ainda preservam os antigos perfis nas outras redes sociais. Uma das justificativas para essa mudança é confirmada pelo site de notícias Carta Capital, em 17/01/2012, pelo fato do Orkut ser um produto quase exclusivamente brasileiro: “é como se as fronteiras transformassem o produto em algo pequeno demais para quem vive no país”. “Antenados” com tudo o que acontece no mundo, os jovens buscam, principalmente na música e no cinema, referências culturais com ramificações locais e em vários países. Hoje a marca Facebook, além de internacional, é mais forte, como afirma este site.

Nas entrevistas individuais e durante as análises das narrativas dos alunos, tivemos a oportunidade de “visitar” os perfis de alguns deles nas redes sociais. No Facebook eles postavam fotos do seu cotidiano, imagens de *memes* (charges, vídeos e músicas que se tornam mania na rede de forma instantânea), desenhos, vídeos e links musicais de várias procedências e digitavam seus próprios textos (uma aluna escrevia poemas enquanto os outros escreviam mensagens curtas, fazendo de seus *mini-blogs* ou murais uma espécie de diário pessoal). Em tempo real, os amigos associados às suas páginas emitiam opiniões sobre essas postagens ou usavam o *chat on line* para dialogar, fofocar ou simplesmente desabafar. Assim, no Facebook, o jovem se sentia livre para expressar junto a seus pares suas preferências pessoais em termos culturais (estilos musicais, textuais, estéticos, modos de se vestir etc), além de exporem e debaterem seus valores ou julgamentos.

Os sujeitos dessa pesquisa relataram que adicionam a suas páginas do Facebook pessoas do seu círculo social (vizinhança, parentes e colegas da escola), sendo a maioria da mesma faixa etária. Somente dois alunos disseram que adicionam desconhecidos, ressaltando que estes são conhecidos de seus amigos. Neste contexto, a co-participação dos relacionamentos mais diretos desses indivíduos nesta rede social evidencia a importância

desse espaço virtual, erroneamente visto como um espaço fora da realidade concreta, como mais um elemento ou canal de socialização.

A versatilidade no uso das diversas ferramentas da internet e do computador numa única rede social, bem como a interatividade que esse espaço virtual estabelece com o espaço social e cultural, sugere que o Facebook vem se constituindo como um espaço importante de construção identitária para estes jovens.

Seguido pela participação nas redes sociais, os alunos relataram que acessam sites de vídeo, de música, de humor e de fofocas. Dentre eles, o mais acessado é o YouTube e este apresenta uma interatividade semelhante ao das redes sociais. Além de assistir e baixar qualquer espécie de vídeo (clipes musicais, trailer de filmes, curta metragens, vídeos caseiros), é permitido ao usuário ter um página pessoal no qual posta seus próprios vídeos ou outros do YouTube de sua preferência. Utilizando a *url* (código) desses vídeos é possível postá-los com *links* em outras redes sociais ou blogs particulares, ampliando a rede de convergência entre as diversas mídias (computadores, tablets, smartphones etc). Nessas páginas pessoais outros usuários podem ser adicionados como seguidores e emitir opiniões em fóruns.

Em terceiro lugar, os sites de busca como o Google, também eram bastante acessados no momento que o jovem busca links sobre temas de seu interesse pessoal.

A busca de músicas, vídeos e outros elementos na rede informacional que representam o imaginário cultural dos alunos, extrapolando os limites físicos da Rocinha, do Rio de Janeiro e até do Brasil, podem nos levar a pensar que estes alunos estão desenvolvendo atitudes de *desterritorialização* (Haesbaert, 2004) ou de descolamento em relação a seus espaços sociais concretos, o que poderia resultar numa perda de *pertencimento* (SARLO, 1997). Entretanto, nesta pesquisa observamos que as redes sociais, e até mesmo outros sites da internet, tem servido para reforçar as relações interpessoais com os indivíduos mais próximos aos alunos e com o lugar onde vivem, além de participar de sua construção identitária enquanto indivíduos.

Ao participarem de comunidades temáticas nas redes sociais ou ao trocarem informações sobre seus gostos e valores pessoais com outros adolescentes que pensam ou agem de forma semelhante, estes reforçam o ponto de vista de Catani e Gilioli, quando apontam que os jovens “são capazes de produzir uma cultura autônoma, que não apenas imita o mundo adulto e as instituições tradicionais (...), mas articula estas últimas de acordo com parâmetros próprios, configurando novas formas de cultura” (CATANI; GILIOLI, 2004, p. 16).

A pressão da indústria cultural (SARLO, 1997), atuando também na *web* e seguindo a lógica da modernidade líquida (BAUMAN, 2007) num mundo cada vez mais globalizado, tende a transformar essas manifestações culturais em produtos, a massificar o consumo dos mesmos e a ampliar a exclusão social. O espaço informacional, por sua vez, tem como contraponto a sua própria essência: ele não se constitui apenas como uma convergência técnica das diversas mídias de comunicação e informação, mas como um verdadeiro “movimento social” (LEVY, 1999), um espaço democrático no qual o usuário é livre para acessar e produzir virtualmente o que desejar. Assim, apesar da ação massificante e excludente da indústria cultural sobre o jovem, é importante lembrar que:

A comunicação digital, principalmente a de caráter móvel nos celulares, proporciona simultaneamente interatividade interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas. (...) A digitalização aumenta os intercâmbios de livros, músicas e espetáculos e está criando redes de conteúdos e formatos que combinam culturas diversas (CANCLINI, 2009, p. 148).

É possível notar nesta pesquisa que os intercâmbios de conteúdo digital permitem aos alunos encontrar novas resoluções, mesclando pensamentos e marcas culturais. Essas buscas são inerentes à construção identitária dos adolescentes, na medida em que “as transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (HALL, 2001, p. 24 e 25). Dessa forma, os sujeitos desta pesquisa, caracterizados como “nativos digitais”, estão participando das possibilidades de acesso a culturas juvenis autênticas, assim como atuando como agentes produtores de cultura (SPOSITO, 2010).

Em tempo, um dado relevante desta pesquisa merece destaque: apenas um aluno declarou que navegava em sites de notícias ou com conteúdos que iam além do entretenimento e das redes sociais. Fora da *web*, somente uma aluna relatou que gostava de ler livros. Esta realidade mostra-se bastante semelhante àquela vivida pelos adolescentes das classes menos favorecidas mexicanas, descritas por Canclini (2009, p. 150):

Agora, para muitos, as vias preferenciais são a conectividade e o consumo. No comportamento dos jovens se manifesta uma reorganização radical do que vínhamos entendendo por modernidade. Vemos o aumento da informação e das interações com baixa integração social, a aceleração das mudanças com empobrecimento das perspectivas históricas no tocante ao passado e ao futuro, a combinação sistêmica de recursos formais e informais para satisfazer necessidades e desejos em escala individual ou grupal. A fascinação pelo acesso e os intercâmbios ganham da memória e da projeção para o futuro. Como consequência, diminui o papel da institucionalidade organizada pela primeira modernidade – as escolas, os partidos políticos, a organização legal e a continuidade do espaço público – em benefício dos arranjos transitórios, da apropriação flexível de recursos heterogêneos no mercado de trabalho e nos consumos.

É pertinente ressaltar que, além da sua importância no próprio processo de ensino-aprendizagem, a atitude de ler livros, jornais e revistas ou conteúdos afins na internet permite ao jovem ampliar sua autoconsciência e, por consequência, formar sua identidade pessoal. Este processo também permite ao indivíduo um movimento de sensibilização interna e de reflexão para a cidadania (MARQUES; BENTO, 2008; ALMEIDA, 2007; FERREIRA, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, podemos argumentar que as tecnologias de comunicação e informação fazem parte do mundo concreto do jovem que vive na Rocinha, criando um *continuum* entre suas vivências online e offline. As tecnologias contribuem para a consolidação do sentido que estes jovens atribuem aos seus “lugares”, fortalecendo os traços identitários associados às culturas locais. As análises resultantes deste estudo indicaram que as tecnologias de comunicação e informação não concorrem para alienar o jovem do mundo concreto que o cerca, mas que se constituem como ferramentas que complementam as relações humanas e que permitem a novas configurações culturais no universo juvenil. O papel do educador, neste contexto, é fundamental para que a “midiatização” se consubstancie em apreensão e produção de conhecimentos, em reflexão sobre a realidade e em ações concretas que conduzam à cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Doriedson. Tic: de uma práxis disciplinar para uma apropriação cultural. In: *Anais do XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação*, São Paulo, Mackenzie, 2007.
- ALZAMORA, Geane; ALENCAR, Renata; MELO, Tailze. Trânsitos intermediáticos e diversidade cultural. *Revista Observatório Itaú Cultural*, n. 8, abr/jul, 2009.
- ATKINSON, Paul et al. *Handbook of ethography*. London: Sage, 2001.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza P. *Culturas juvenis, múltiplos olhares*. São Paulo: UNESP, 2004.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

\_\_\_\_\_. *Diversidade e Direitos na Interculturalidade Global*. Revista Observatório Itaú Cultural, N. 8 (abr/jul. 2009). São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede: a era da informação*: São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CISENETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1977.

CRESWELL, John. *Projeto de pesquisa – método qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FISHERKELLER, J. *Como a autoidentidade das crianças está relacionada às experiências com a mídia na vida diária?* in: MAZZARELLA, S. R. (org.) *Os jovens e a mídia: 20 questões*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. São Paulo: Contexto, 2011.

JOHNSON, Steven. *Emergência – A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. São Paulo: Zahar, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*, Rio de Janeiro. DP&A, 2001.

LEVY, Pierre. *A Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Luiz Costa. *Questões sobre uma Cultura Periférica in Secretaria da Identidade e da Diversidade Cultural*. Diversidade Cultural Brasileira. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2005.

MARQUES, Raquel e SILVA, BENTO. *O posicionamento dos jovens alunos perante as tecnologias*. Florianópolis: IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares – UFSC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Desafios Políticos da Modernidade*. in Revista Observatório Itaú Cultural, N. 8 (abr/jul. 2009) São Paulo: Itaú Cultural, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

MINAYO, Maria Cecília (org.). *Pesquisa Social – teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSE, Gillian. *Visual Methodologies: An Introduction to Interpretation of Visual Materials*. Thousand Oaks, California: Sage, 2007.

- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SZYMANSKI, Heloisa (org.). *Entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva*. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo: UNESP, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens do Medo*. São Paulo: UNESP, 2005.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. São Paulo: Zahar, 2003.
- VIANNA, Heraldo Marelím. *Pesquisa em Educação: a observação*, Brasília: Plano Editora, 2007.
- WELLER, Wivian e PFAFF, Nicolle (org.) *Metodologia da Pesquisa Qualitativa em Educação – Teoria e Práticas*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- Revista Teias, v. 12, n. 26 (2011) *Jovens, territórios e práticas educativas*
- Elmir ALMEIDA, Marilena NAKANO
- FERREIRA, Luiz Felipe. *Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo*. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n° 9, p. 65-83, jul./dez., 2000.
- RIZZINI, Irene; PEREIRA, Luciléia; ZAMORA, Maria Helena; COELHO, Ana Fernanda; WINOGRAD, Bianca; CARVALHO, Mauro. *Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias*. Alceu, v.6, n.11, p. 41 a 63, jul./dez. 2005.
- FERREIRA, Luciano. *Como uma escola ingressa no século XXI? Estudo de caso sobre o uso das tecnologias de informação e da biblioteca*. Tese de Mestrado, Universidade Católica de Brasília, 2009.
- SPOSITO, Marília. *Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura*, São Paulo, Universidade de São Paulo, Educação e Pesquisav.36, n. especial, p. 095-106, 2010.
- Ana Maria NICOLACI-DA-COSTA. *Impactos Psicológicos do Uso de Celulares: Uma Pesquisa Exploratória com Jovens Brasileiros*. Psicologia: Teoria e Pesquisa Mai-Ago 2004, Vol. 20 n. 2, pp. 165-174, 2004.